

ANIVERSÁRIO  
DA SEMANA

Dorival Caymmi

Compositor. Fez 91  
anos neste sábado

PREGUIÇOSO

“Dizem que nasci  
no dia 30 de abril  
para não nascer no  
dia 1º e evitar o Dia  
do Trabalho”

TROPICÁLIA

“O movimento de  
Caetano e Gil vem  
com título. Não é  
tão baiano. Não é  
tão brasileiro”

MORTE

“Querida que ela  
fosse natural. Como  
dizia papai: ‘Só  
quero que não  
venha com ânsias’”

# O homem, o mar e o tempo

Aos 91 anos, ele dribla a doença, celebra a vida e vê sua música “perder-se no meio do povo”

Fred Melo Paiva

—A morte é um acontecimento como a vida. Como começou, acaba. Não tenho receio nem nada. Às vezes paro para admirar as causas de ter chegado à idade que cheguei. Eu penso na educação doméstica, no comportamento de homem independente, solteiro e casado, na prole de três gerações que produzi. Isso me dá um prazer especial e me prepara para a hora que eu acabar.

Dorival Caymmi não escuta direito. Fala com dificuldade, perdendo o tom em sílabas que desaparecem. Culpa de uma sonda que, introduzida no nariz, debilitou suas cordas vocais numa semcerimônia danada. Por causa da catarata, também não enxerga direito. Dorival é diabético e hipertenso. Em junho do ano passado, porque um sapato machucou seu pé, uma ferida ficou aberta, o que até hoje o impede de caminhar como antes. Dorival tem só um rim. O outro foi retirado em 1999. O rim que sobrou funciona só 40%. Dorival quase não pega mais o violão. Perdeu o tato nas pontas dos dedos. Tem 91 anos, completados ontem. É um senhor visivelmente feliz.

Dorival carrega no peito uma medalha de Santa Luzia, uma outra de Santo Expedito. É um velho bonito e elegante. Não é mais moreno — ficou branco. Não tem uma ruga. Diz-se “católico apostólico romano”, alguém que “investigou, teu e gosta muito da Bíblia”. Mas veste-se num branco de baiano do candomblé, “coisa natural da minha terra, que nasceu dessa graça que a gente acha no seu movimento, seu vestuário e sua música”. Dorival gosta de falar do seu passado em Salvador, e tem especial cisma com o período da infância. Quando lhe foge uma data, pergunta a si mesmo: “Mas em que ano, Dorival?”

—O primeiro amor da Bahia foi quando eu morava na Rua Direita da Saúde, número 29. Uma casa simples, uma rua pacífica, um armazém, uma quitanda, um larguinho. Não tinha automóvel, só bonde, e o bonde não passava lá. Era tudo suave e cordial, “bom dia” e “como passou?”. Na Rua Direita moravam quatro ou cinco ramos da família Caymmi. Vários. Todos se visitavam. Quando eu chego à Bahia, pago um táxi e vou correr a Saudade.

Acontece que Dorival é um baiano sem Bahia — esteve por lá pela última vez em 1995. Não há nisso nenhum desgosto com a mudez. Dorival não é nem de longe um velho ranzinza, daquele que acha que seu mundo era melhor e que seu tempo não é hoje — não é “desse tipo de ficar mantendo o sentimento assim de que estragaram Itapua”, mesmo que a Itapua de sua época fosse só “uma praia onde o seu Lisboa passava o verão”.

—Um dia a gente foi com a família do seu Lisboa conhecer Itapua. Tinha o coqueiral imenso, o areal, o farol bonito. Foi aquele encanto de gente de nível mais alto que desejava uma solidão à beira-mar. Tinha lá umas casas distantes umas das outras, uma vila de pescadores. Isso me fascinou de tal modo que eu aproveitava qualquer chance para ir a Itapua. Ia a pé pela praia. Levava uma garrafa térmica com batida. Pra distrair.

Muitos personagens das canções praias de Caymmi eram figuras de carne e osso que viviam em Itapua. Moravam na vila, por exemplo, Chico Ferreira e Bento. Aqueles que saíram na jangada e a jangada voltou só. Foi lá também que Dorival viu o canoieiro botar a rede no mar — Cerca o peixe, bate o remo, Puxa a corda, colle a rede, Ó canoieiro, puxa a rede do mar.

—Imagine que Itapua foi crescendo e ficando famosa à base da propaganda que eu fazia no Rio. Com o tempo, foi se tornando um lugar que em dias de feriado qua-

“Dorival não escuta direito. Fala com dificuldade. Também não enxerga direito. É diabético e hipertenso. Tem uma ferida que o impede de caminhar. Só tem um rim. O que sobrou funciona só 40%. Aos 91 anos, é um senhor visivelmente feliz”

se que não se pode andar. Deram o meu nome à praça. Mais tarde, o governo mandou me avisar que ia ligar a praça ao aeroporto e que a avenida também ia se chamar Dorival Caymmi. Eu fiquei encantado, e então quis roubar a placa da rua. Mas, quando eu cheguei, alguém já tinha roubado...

Imagine que ironia: hoje, além de carioca, Dorival é mais mineiro do que baiano. Vive entre Copacabana e a pequena Pequeri, longe do mar, no meio da Zona da Mata. Pequeri é a cidade onde nasceu Adelaide Tostes Caymmi, chamada de Stella Maris porque o pai teve a cara-de-pau de batizá-la com o nome de uma antiga paixão. Aos 83 anos, é mulher de Dorival há 65. O casal mantém em Pequeri uma casinha “com varanda ao gosto da minha mulher e pé-direito bom, ao gosto da família”.

Pequeri é para Caymmi “um caso sentimental”. Por ter deixado de ser São Pedro do Pequeri, mereceu dele uma carta-poema: “São Pedro do Pequeri, Stella nasceu aqui. Em São Salvador, na Bahia de Todos os Santos, nasci. Por direito adquirido, de santos sempre entendi. É por isso e humildemente, nesta reza, boa gente, que vos peço, por favor: vamos juntar novamente ao nome desta cidade o do Santo Pescador. E... rezando pra que rime, pede Dorival Caymmi, com devoção, com amor”. Pequeri continuou Pequeri, onde mesmo assim Dorival permanece “de cadeira de balanço na varanda”.

—Disseram que eu sou preguiçoso, e criaram esse mito — eu na varanda, com o ventilador na frente. Aí veio o Antônio Maria, cronista, e disse que eu nasci no dia 30 de abril para não nascer no dia 1º e evitar o Dia do Trabalho. A razão disso é que um dia eu estava com a Araci de Almeida dentro do ônibus e comentei que tinha acabado de lembrar um verso que eu poderia colocar em uma canção. Era uma canção que eu tinha deixado de lado fazia tempo. Ela estranhou aquilo e me perguntou quando é que eu tinha começado a canção. “Há nove anos, Araci”. Foi assim que eu terminei João Valentão, uma música inspirada num pescador de Itapua, rude, amigo meu. E fiquei com essa fama de preguiçoso.

Dorival gosta de falar de música. Vai falando e vai cantando, tentando soar o seu vozeirão, indo e voltando quando se enrola



REPRODUÇÃO



DIVULGAÇÃO



CARLOS MAGNOIAR



WILTON JUNIORIAE



ARQUIVIAE



DIVULGAÇÃO

ALBUM — 1. Jorge Amado e Dorival Caymmi, amigos pra valer 2. Com Orson Welles, que filmou os jangadeiros, em 1942, para o inacabado It's All True 3. Os filhos Dori, Nana e Danilo, todos músicos 4. No apartamento de Copacabana, há 15 dias 5. Stella, Nana e Caymmi em imagem dos anos 40 6. Uma session com Tom Jobim, “o indefectível”

nas cordas vocais. A modernidade musical, essa sim, não lhe pertence — seu tempo é ontem e para ele é melhor assim. Diz que “hoje se faz qualquer melodia sem sentido melódico, só para mostrar gorjeios e poder de voz”. Não aguenta “aquele ohhh”, o trinado das novas cantoras. Lamenta que a capoeira de Angola, “uma das minhas influências”, esteja mais para “jiu-jitsu”.

A primeira neta de Dorival Caymmi, uma das muitas Stellas que afloraram na família a partir da avó, é autora de uma substancial biografia chamada Dorival Caymmi — O Mar e o Tempo. Ela conta que Dorival gostaria mesmo é de ter composto Ciranda Cirandinha, para ele “uma música que se perdeu no meio do povo”. Previa um grande sucesso quando determinou que “quem não

gosta de samba bom sujeito não é. É ruim da cabeça ou doente do pé”. Naquele longínquo Carnaval, não pegou nada. Mas o que é isso hoje senão a música que se perdeu no meio do povo?

—Minha música é de antes do movimento rotulado. Movimento de Caetano e Gil, a Tropicália, vem com título, então não é do meu tempo. Tinha a capoeira no meio, mas com influência das cantigas modernas, rock'n'roll, be bop. Não é tão baiano. Não é tão brasileiro.

Certa vez, Dorival foi abordado por Dodô, o músico que é reconhecido como um dos criadores do trio elétrico. Dodô tinha uma idéia: queria furar o violão de Dorival, instalar um fio e ligá-lo em uma caixa de som. Dorival agradeceu o interesse em eletrificar seu instrumento, mas pediu

“que fosse furar outro violão”.

—Quisera furar o violão do meu pai. Tá maluco? Eu prezo a música brasileira.

Na vitrola de Dorival, as músicas mais novas tocam “por curiosidade”. As mais antigas, “para matar saudade”. Ouve a música da família, Nana, Danilo e Dori. Tom Jobim é “um negócio indefectível” — não há o que fazer, “a não ser ouvi-lo apaixonadamente”. De Chico Buarque, gosta especialmente de Valsinha e Cotidiano. Adora Frank Sinatra. Sempre gostou de jazz. Diz-se adorador da música erudita européia. Esses últimos, no entanto, não aparecem na sua música.

—Na minha música não entra, não. O que aparece sempre é o jeito familiar e popular baiano. A essência mesmo é a rua, o povo humilde, o praiano. Por-

que eu sempre gostei de praia...

Nesse quesito há controvérsia: Baden Powell jurou que, verdadeira, Dorival nunca gostou de praia nem de água do mar.

—É que tenho um defeito: eu não sei nadar. Só cachorrinho.

Dorival não tem medo de parecer ridículo. Disso ganhou salvo-conduto, o que lhe confere uma aura de humildade que às vezes faz seu interlocutor perguntar se este senhor tem a noção de seu tamanho. No escritório de seu apartamento em Copacabana, no primeiro andar do Edifício Caravaggio — um prédio de janelas amplas e iluminadas o suficiente para não fazer jus ao nome —, Dorival está preocupado. Quer saber se ninguém sumiu com o boné da Mangueira que Chico Buarque autografou: “Para o Algodão, um abraço desse humilde cotonete”.

—Ah, eu gosto do Chico Buarque... Um dia eu estava num hotel em São Paulo e encontrei o Ciro Monteiro. Ele me falou assim: “Sabe quem é aquele cara ali no balcão?” Era um rapazinho novo, garoto. O Ciro: “É o autor dessa música que está fazendo sucesso aí, ‘Estava à toa na vida, o meu amor me chamou...’” Ah, eu fiquei encantado... Não pude falar com ele porque ele era meio fechadinho, estava tomando café no balcão. “Chico Buarque... É esse garoto, então?” Para encontrar Chico, eu esperei um tempão. De repente, via ele em algum lugar e dizia: “Oh, você por aqui, Chico! Onde é que você mora agora?” E ele: “Leblon, sei lá o quê”. Em Paratodos, que é uma jóia, ele teve um elogio pra mim. Disse: “Contra fel, moléstia, crime, use Dorival Caymmi”.

Dorival não tem convívio com nenhum dos baianos mais badalados, Caetano, Gil, Bethânia, Gal. João Gilberto conheceu em São Paulo, quando dona Maria Amélia, a mãe de Chico, pediu que ajudasse a tirá-lo do hotel. Na ocasião, João era casado com Miúcha, a irmã de Chico. Chegando lá, Dorival bateu na porta: “João, é o Dorival Caymmi! Sai daí, rapaz, tá na hora”. João não respondeu.

Amigo pra valer, Dorival teve pelo menos três: na infância, Zezinho. Depois, o pintor Carybé e Jorge Amado. Com Carybé, encantou-se pela pintura, exercendo-a com alguma maestria. Ao justificar como fugia da mulher para sair com a amante, Zezinho disse para ele a frase pela qual é muito grato: “Eu digo que vou pra Maracangalha”. Foi Mar Morto, de Jorge, que lhe deu a deixa — era doce morrer no mar, “nas ondas verdes do mar”.

Em 2001, Dorival fez sua última letra, Caminhos do Mar. Em 1991, a última música e letra, Maricotinha, gravada junto com Tom Jobim em 1994. Não compõe mais, embora “de repente” o faça em algum momento. Uma nova letra, no entanto, está sendo trabalhada, uma homenagem à neta, irmã de Stella, filha de Nana: “Denise, se estiver muito ocupada, me avise, De qualquer jeito eu vou te ver, Denise, Eu não sou de cometer deslize, Prometer pra não cumprir, Denise, Denise, Denise, din-dim”. Essa, segundo Dorival, não vai ficar como legado. “Fica a marcha Minha Jangada Vai Sair pro Mar. Fica Dora, rainha do frevo e do Maracatu. E fica Marina, morena, que ficou pronta em dois dias”. Dorival ri do fato de tê-la feito tão rapidamente. Está de bem com a vida e à vontade para dela fazer um balanço.

—Se eu pudesse escolher a forma da minha morte, queria que ela fosse natural, como aconteceu com uma prima minha no dia 21 do mês passado: passou a manhã toda com a família na minha casa. Almoçou, e à tarde estava morta numa cama no quarto. Falei: “Mas não está dormindo muito, não?” “Ah, não, morreu.” Como dizia papai: “Só quero que a morte não me venha com ânsias”.



Querido amigo DORIVAL,  
Mais uma vez, como no ano passado,  
volto a escrever-lhe para enviar,  
agora, a recente reportagem do jor  
nal \*O ESTADO DE SÃO PAULO", de 1º  
deste mês, ao comemorar os seus  
magníficos 91 anos.

Receba os parabens e um forte  
abraço, do velho e saudoso amigo  
sempre às ordens.

*M. J. J. J.*

1º MAIO-005